



UC/FPCE_2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa
análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra
de jovens portugueses**

Ana Raquel Póvoa Correia (e-mail: correiapsi@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de
especialização em Psicologia Clínica e Saúde, subárea de
especialização em Psicologia Forense sob a orientação da
Profª Doutora Maria Salomé Pinho

Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra de jovens portugueses

Este estudo teve como objectivo principal perceber se existiriam diferenças de Sugestionabilidade Interrogativa (SI) quando a informação sobre um acontecimento é apresentada aos sujeitos verbalmente ou visualmente. Para tal foi criado um instrumento de medição da SI, baseado na Escala de Sugestionabilidade Interrogativa de Gudjonsson, com duas versões: uma versão visual, que consistia na apresentação de um vídeo sem som e uma versão verbal com a descrição oral do acontecimento apresentado no vídeo. Foram, então, comparadas duas amostras, uma respeitante à apresentação visual e a outra relativa à apresentação verbal da informação, constituídas por 40 adolescentes cada, dos 15 aos 18 anos de idade, com uma distribuição igualitária no que diz respeito ao género. Foi também explorada neste estudo a memória do acontecimento apresentado e a relação entre as medidas de SI e a inteligência não-verbal, a atenção seletiva, a deseabilidade social e variáveis de personalidade como o neuroticismo, a extroversão e a amabilidade.

Os resultados obtidos revelaram que as duas amostras diferiam significativamente no que diz respeito às medidas de SI e também de memória. O grupo ao qual foi aplicada a versão verbal apresentou resultados médios mais elevados na memória e mais baixos na SI. Relativamente às correlações com as outras variáveis em estudo, estas foram diferentes para cada um dos grupos. No grupo que respondeu à versão verbal a *Desejabilidade Social* surgiu correlacionada com todas as medidas de SI, exceto a *Cedência 1*, o *Neuroticismo* estava correlacionado com todas as medidas de SI, exceto a *Mudança* e a *Amabilidade* apresentou uma correlação com a *Cedência 1* e a *Sugestionabilidade Total*. Por seu lado, no grupo ao qual foi administrada a versão visual apenas a variável *Extroversão* surgiu correlacionada com todas as medidas de SI com exceção da *Cedência 2*. Contudo, todas estas correlações foram baixas, excetuando a relação entre *Extroversão* e *Sugestionabilidade Total* que foi moderada.

Concluimos, assim, que quando os sujeitos estão perante um estímulo visual a sua tendência para ceder à SI é maior e a sua evocação exata do acontecimento é menor. Os resultados obtidos neste estudo parecem indicar a necessidade de desenvolvimento de um instrumento de avaliação da SI que

recorra à apresentação visual da informação, tal como sucede na maioria dos testemunhos em contexto forense. Concluí-se também que, possivelmente, as variáveis que influenciam a SI perante modalidades diferentes de apresentação da informação são, também elas, distintas.

Palavras-chave: Sugestionabilidade Interrogativa, modalidade de apresentação, inteligência não-verbal, atenção seletiva, personalidade, desejabilidade social.

A new scale of interrogative suggestibility similar to the GSS-1: An exploratory research with a sample of Portuguese youth

This study aimed to understand if there exist differences between Interrogative Suggestibility (IS) when information about an event was presented to the subjects verbally or visually. To this end it was created a measurement instrument of IS based on the Gudjonsson Suggestibility Scale with two versions: a visual version consisting in the presentation of a video without sound and a verbal version with the oral description of the event included in the video. Two samples of participants were compared, one concerning the visual presentation of an event and the other relating to the auditory presentation of the description of the video event, formed by 40 teenagers each, from 15 to 18 years old with with an equal distribution of gender. We also explore in this study the memory for the event and the relationship between the measures of IS and the non-verbal intelligence, selective attention, social desirability and variables of personality such as neuroticism, extraversion and agreeableness.

The results obtained revealed that the two samples differ significantly concerning the measures of IS and also memory. The group to which was applied the verbal version showed higher average results in memory and lower in IS. Regarding the correlations with the other variables in study they were different for each group. The group that responded to the verbal version showed correlations between Social Desirability and the measures of IS except Yield 1, Neuroticism and the measures of IS except Shift and Agreeableness and Yield 1 and Total Suggestibility. In the group that was administered the visual version only the variable Extraversion showed to be correlated with all the measures of IS except Yield 2. However all this correlations were low except the observed between Extraversion and Total Suggestibility that was a moderate one.

Thus, when the subjects are faced with a visual stimulus their tendency to yield to IS is bigger and their exact recall of the event is weaker. Since in the forensic context, the most part of the testimonies are based in visually perceived events the results obtained in this study point out the necessity of development an instrument of IS assessment with that use visual information. We also conclude that the variables that influence the IS are different concerning the modality of presentation of the information.

Key Words: Interrogative Suggestibility, modality of presentation, non-verbal intelligence, selective attention, personality, social desirability.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, pilar essencial nesta caminhada.

Agradeço à Professora Maria Salomé Pinho pela orientação e apoio ao longo de todo este trabalho.

Agradeço ao Professor António Manuel, Diretor do Secundário do Colégio da Imaculada Conceição de Cernache pela disponibilidade e ajuda no processo de selecção da amostra.

Agradeço a todos os alunos do Colégio da Imaculada Conceição que se disponibilizaram para participar neste trabalho e a todos os professores que ajudaram a que a recolha de dados fosse um processo mais célere.

Agradeço à Maria Inês, à Nádia, à Theresa e à Cátia, sem as quais estes cinco anos não tinham sido os mesmos.

Agradeço às manas Roxo pela sua presença nos momentos mais importantes de toda uma vida.

Um agradecimento especial à Pim, à Mariana, à Sara, ao Pincel e ao Miguel, pessoas importantes na minha caminhada este ano.

Índice

Introdução (1)

I – Enquadramento conceitual (2)

1. Evolução do conceito de sugestionabilidade (2)
2. Sugestionabilidade Interrogativa (4)
 - 2.1. O modelo teórico de Gudjonsson e Clark (6)
 - 2.2. As escalas de sugestionabilidade interrogativa de Gudjonsson (8)
 - 2.3. Estudos sobre a sugestionabilidade interrogativa (10)
 - 2.3.1. Sugestionabilidade Interrogativa e inteligência (10)
 - 2.3.2. Sugestionabilidade Interrogativa e atenção (11)
 - 2.3.3. Sugestionabilidade interrogativa e personalidade (12)
 - 2.3.4. Sugestionabilidade Interrogativa e desejabilidade social (13)
 - 2.3.5. Sugestionabilidade Interrogativa e modalidades de apresentação da informação (13)

II – Objetivos (15)

III – Metodologia (16)

1. Amostra (16)
2. Procedimento (19)
3. Instrumentos
 - 3.1. Teste verbal e visual de Sugestionabilidade Interrogativa (19)
 - 3.2. Matrizes Progressivas Estandartizadas de Raven (20)
 - 3.3. Teste Barragem 3 Sinais (20)
 - 3.4. Inventário de Personalidade NEO (21)
 - 3.5. Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (21)

IV – Resultados (22)

1. Comparação das medidas de sugestionabilidade e memória nos dois grupos (22)
2. Análise de correlações (23)

V – Discussão (26)

IV – Conclusões (31)

Bibliografia (34)

Anexos (38)

- Anexo I (39)
- Anexo II (40)
- Anexo III (42)
- Anexo IV (43)

Introdução

Atualmente assiste-se a um aumento da criminalidade, com tendência a acentuar-se devido à conjuntura social e económica presente. Com o registo de mais crimes, o número de pessoas submetidas a procedimentos judiciais de inquirição tem vindo a crescer.

Pessoa (1931) refere que nenhuma prova contribui tanto para a decisão judicial como a prova testemunhal, sendo que esta, por si só, pode bastar para estabelecer convicção em matéria penal. Esta ideia é também defendida por Brandon e Davies (1973, cit. por Yarmey, 2006) que referem que o depoimento de uma testemunha ocular pode ser suficiente para a condenação de um arguido. No entanto, erros no testemunho levam muitas vezes à condenação de inocentes (Yarmey, 2006; ver também <http://www.innocenceproject.org/causes/>). Neste âmbito, compreende-se o crescente interesse pelo estudo da avaliação da credibilidade do testemunho e do impacto que os interrogatórios repetidos têm nas testemunhas. Em particular, tem-se dado grande relevância ao estudo da sugestionabilidade interrogativa e das características individuais que tornam as pessoas mais ou menos vulneráveis às sugestões, muitas vezes presentes nos interrogatórios policiais.

Foi no início do século XIX que o fenómeno da sugestionabilidade interrogativa começou a ser estudado de forma consistente. Binet, em 1900 (cit. por Gudjonsson, 2003), foi o primeiro a utilizar o conceito sugestionabilidade interrogativa para descrever um tipo específico de sugestionabilidade diferente das categorias tradicionais, como as associadas à hipnose. Outros investigadores (Gudjonsson, 1992 e Schooler & Loftus, 1986, cit. por Nurmoja, 2005) debruçaram-se sobre este tema, tendo surgido duas abordagens principais no estudo da sugestionabilidade interrogativa: a abordagem das diferenças individuais e a abordagem experimental. Estas duas abordagens devem ser vistas como complementares e não como competitivas ou mutuamente exclusivas (Nurmoja, 2005). Relativamente à abordagem experimental, esta coloca a ênfase na compreensão das condições sob as quais as perguntas sugestivas podem afectar os relatos verbais das testemunhas, ou seja, procura compreender e analisar o impacto de

diferentes contextos e situações de interrogatório nos testemunhos (Cunha, 2010). No que concerne à primeira abordagem, sobre o estudo das diferenças individuais, assumiram particular relevância as investigações levadas a cabo por Gudjonsson e Clark a partir da década de 80. Estes autores definem a sugestionabilidade interrogativa como “*o grau em que, num contexto de interação social próxima, um sujeito aceita mensagens comunicadas por outrem durante um interrogatório, alterando, em função disso, as suas respostas*” (Gudjonsson & Clark, 1986, p. 84). Desenvolveram ainda um modelo teórico sobre a sugestionabilidade interrogativa, o Modelo Teórico de Gudjonsson e Clark (1986). Gudjonsson (1997) construiu uma escala de avaliação da sugestionabilidade interrogativa com duas versões, a *Gudjonsson Suggestibility Scale 1 e 2 (GSS-1 e GSS-2)*.

Esta escala baseia-se em material apresentado verbalmente (uma narrativa), enquanto a maioria dos testemunhos são baseados em material percebido visualmente (Cardone & Dent, 1996). Torna-se, deste modo, relevante estudar a possível existência de diferenças na avaliação da sugestionabilidade interrogativa quando o material a recordar é apresentado sob a forma verbal ou sob a forma visual. Para este efeito criámos um instrumento semelhante à GSS-1, com uma versão verbal e uma versão visual. A proposta deste estudo, de carácter exploratório, consiste em averiguar se existem diferenças entre ambas as versões deste novo instrumento de avaliação da sugestionabilidade interrogativa. A influência de fatores como a inteligência não-verbal, a atenção, a personalidade e a desejabilidade social nas pontuações respeitantes à sugestionabilidade interrogativa constitui também objeto de análise. Cremos que este estudo representa, assim, um primeiro passo para que se possa dispor de um instrumento de avaliação da sugestionabilidade interrogativa para a população adulta portuguesa com maior validade ecológica.

I – Enquadramento concetual

1. Evolução do conceito de sugestionabilidade

Considera-se que Noitz, em 1820, foi o primeiro a referir um processo relacionado com a sugestionabilidade, a resposta ideomotora. Este autor considerou que toda a ideia se pode transformar numa ação, mais

especificamente, toda a ação sugerida é transformada em ação efetiva porque a ideia da ação atinge a consciência do respondente. Esta definição foi aplicada inicialmente ao fenómeno da hipnose quando este passou a ser visto como um processo psicológico (Gudjonsson, 2003). Em 1888, também Freud (cit. por Motzkau, 2009) fez referência à sugestão afirmando que quando esta está presente é despertada uma ideia no cérebro, a qual não é examinada no que diz respeito à sua origem, mas é aceite como um pensamento que surgiu espontaneamente.

Mais tarde, em 1910, Bernheim (cit. por Gudjonsson, 2003) expandiu o significado deste conceito e considerou-o como um fenómeno normal, que poderia acontecer tanto em estado de alerta como em estado hipnótico e descreveu vários fenómenos do dia-a-dia relacionados com a sugestão, como por exemplo, a influência que os outros têm nas nossas crenças e atitudes.

No entanto, foi com Eysenck (1943, cit. por Gudjonsson, 2003) e Eysenck e Furneaux (1945, cit. por Gudjonsson, 2003) que a sugestionabilidade foi estudada de um modo sistemático. Estes autores defendiam a existência de dois tipos independentes de sugestionabilidade: a primária, baseada nos testes ideomotores desenvolvidos por Noitz e a secundária definida por Eysenck (1944, cit. por Gudjonsson, 2003) como *“a experiência, por parte do sujeito, de uma sensação ou percepção, consequência de uma sugestão direta ou implícita do experimentador de que tal experiência ocorrerá, na ausência de qualquer base objetiva para a sensação ou percepção”* (p. 338). Estes autores referiram ainda a possibilidade de existência de um terceiro tipo de sugestionabilidade relacionada com a mudança de atitude resultante de uma comunicação persuasiva, por parte de uma figura de prestígio. Este terceiro tipo corresponderia ao fenómeno que actualmente se designa sugestionabilidade interrogativa.

Outra questão sobre a qual se debruçaram os estudos sobre a sugestionabilidade está relacionada com a possibilidade de este fenómeno ser um traço ou um estado dos indivíduos. Vários foram os autores que defenderam uma ou outra teoria. Tanto Prideaux (1919, cit. por Gudjonsson, 2003) como Eysenck (1943, cit. por Gudjonsson, 2003) assumiram que a sugestionabilidade era um traço do indivíduo, definindo-a como uma

tendência estável do indivíduo para responder de um modo particular numa dada situação. Por outro lado, autores como Baxter (1990, cit. por Gudjonsson, 2003), Moston (1990, cit. por Gudjonsson, 2003) e Krech e Crutchfield (1948, cit. por Gudjonsson, 2003) consideraram que a sugestionabilidade era maioritariamente afetada por fatores situacionais. Tais autores argumentaram em seu favor baseando-se no facto de existirem correlações fracas entre os resultados em vários testes de sugestionabilidade e de personalidade. Stukat (1958, cit. por Gudjonsson, 2003) apresentou uma visão conciliadora destas duas posições, considerando que assumem particular importância tanto as características da situação e a relação com o experimentador, como os fatores não relacionados com características situacionais. Defende que, independentemente do contexto, se observa uma tendência nos sujeitos para serem mais ou menos sugestionáveis, pelo que tanto os fatores situacionais como os individuais devem ser tidos em conta (Cunha, 2010).

Assinale-se ainda que um dos pioneiros a referir a importância da sugestionabilidade interrogativa nas classificações da sugestionabilidade foi Stukat (1958, cit. por Gudjonsson, 2003). Este autor levou a cabo estudos com crianças e adultos, tendo encontrado um outro fator de sugestionabilidade diferente do de Eysenck e Furneaux, que corresponderia à sugestionabilidade interrogativa. No entanto, a divisão entre sugestionabilidade e sugestionabilidade interrogativa em particular não é bem clara e neste âmbito Gudjonsson (2003) refere que, já antes dos trabalhos de Stukat, Binet teria introduzido o conceito de sugestionabilidade interrogativa.

2. Sugestionabilidade Interrogativa

Em meados de 1970, os fenómenos relacionados com a sugestionabilidade desempenharam um papel importante nos estudos sobre a memória. No entanto, a sugestionabilidade como tópico central de investigação só surgiu em meados de 1980 devido à crescente atenção sobre as mulheres violadas na América do Norte e em algumas partes da Europa (Motzkau, 2009). Decorreram também alterações legais que permitiram que as crianças começassem a ser aceites como testemunhas nos tribunais, tendo-se verificado um elevado número de erros judiciais. Este facto colocou a

questão da influência exercida pelos pais e investigadores nos depoimentos. Nos estudos iniciais e, tendo em conta um dos motivos de foco na sugestionabilidade interrogativa (SI), esta foi considerada um problema relacionado com as crianças. Perto de 1990 a SI alarga-se a uma multiplicidade de populações e de contextos forenses (Motzkau, 2009).

Um dos primeiros testes sobre o testemunho humano foi realizado por Cattell (1895, cit. por Gudjonsson, 2003). No entanto, a ideia de SI foi inicialmente introduzida, como referido anteriormente, por Binet (1900,1905, cit. por Gudjonsson, 2003). Este autor recorreu ao questionamento sugestivo, muito importante no que diz respeito aos efeitos da sugestão na recuperação da memória, no âmbito do testemunho. Seguidamente, este tipo de questionamento foi também estudado por Stern, em 1910, 1938 e 1939 (cit. por Gudjonsson, 2003). Ambos os autores utilizaram figuras estáticas para estudar a SI. Os primeiros autores a introduzir uma simulação de um episódio real como estímulo foram Pear e Wyatt em 1914 (cit. por Gudjonsson, 2003).

No que diz respeito à definição do conceito, Andriks e Loftus (1979, cit. por Gudjonsson, 2003) definiram SI como o grau em que as pessoas aceitam uma informação introduzida após o acontecimento e a incorporam na sua recordação. É de salientar que esta definição coloca ênfase na importância do processamento da informação na memória. No entanto, apresenta alguns limites. Por um lado não é necessário que as pessoas incorporem a informação sugestiva na sua memória, apesar desta poder ser aceite pelo indivíduo e, por outro, esta definição não fornece hipóteses testáveis aos investigadores (Gudjonsson, 2003). Em 1986, Gudjonsson e Clark propuseram uma definição de SI, que irá constituir o foco da nossa atenção.

Gudjonsson iniciou os seus estudos sobre a SI motivado pelos pedidos frequentes de relatórios para avaliar a credibilidade dos testemunhos. Deparava-se, geralmente, com dois tipos de casos: (i) as vítimas com dificuldades de aprendizagem eram chamadas a depor, mas havia uma preocupação com a credibilidade do seu testemunho e (ii) existiam também confissões obtidas durante o interrogatório policial sobre as quais recaíam dúvidas sobre a credibilidade. Começaram então a ser desenvolvidos instrumentos de avaliação da SI e também um trabalho

conceptual e teórico. Segundo Gudjonsson e Clark (1986, cit. por Gudjonsson 2003) a SI diz respeito “*ao grau em que, no contexto de uma interação social fechada, as pessoas aceitam mensagens comunicadas durante um interrogatório formal, que têm como resultado a posterior afetação da sua resposta comportamental*” (p. 345). Esta definição compreende cinco fatores fundamentais para que a SI ocorra: a existência de uma interação social, de um procedimento de questionamento, de um estímulo sugestivo, aceitação desse estímulo por parte do indivíduo e uma resposta comportamental subsequente a esse mesmo estímulo (Gudjonsson, 1997). Segundo esta definição, a pessoa não tem que incorporar a informação sugestiva na sua memória; a sugestão terá apenas de ser percebida como plausível e credível.

Assim, de acordo com Gudjonsson (1997, 2003), os aspetos principais que distinguem a SI de outros tipos de sugestionabilidade estão relacionados com o facto de esta envolver um procedimento de questionamento numa interação social fechada, as perguntas serem maioritariamente relacionadas com recordações de experiências passadas e estados lembrados de conhecimento, ao contrário de tipos de sugestionabilidade relacionados com experiências sensoriais e motoras. A SI depende de um componente forte de incerteza relacionado com a capacidade de processamento de informação do indivíduo e envolve, geralmente, uma situação bastante stressante, com consequências importantes para a vítima, testemunha ou suspeito.

Mais tarde, Cecci e Bruck (1993, cit. por Gignac & Powell, 2009) introduziram uma definição mais abrangente de SI, considerando que esta diz respeito ao grau em que a codificação, o armazenamento e/ou a recuperação de um acontecimento podem ser influenciados por uma variedade de fatores sociais e psicológicos.

2.1. O modelo teórico de Gudjonsson e Clark

Trata-se de um modelo psicossocial, apresentado em 1986, no qual a SI resulta da relação estabelecida entre o sujeito, o meio e os outros sujeitos significativos pertencentes ao mesmo meio (Gudjonsson, 1997 cit. por Costa & Pinho, 2010). Os autores do modelo defendem que a resposta sugestionável é resultado da avaliação cognitiva que um indivíduo faz da situação de entrevista e das estratégias de *coping* que utiliza para enfrentar

essa situação (Drake, 2010). Este modelo incorpora dois tipos específicos de sugestionabilidade, a “cedência” (*yield*) e a “mudança” (*shift*). A primeira refere-se à tendência das pessoas para cederem a perguntas sugestivas e a segunda está relacionada com o modo como as pessoas lidam com a pressão interrogativa, alterando ou não respostas prévias (Drake, Bull & Boon, 2008). As escalas de sugestionabilidade criadas por Gudjonsson permitem avaliar estes dois aspetos da SI (Gudjonsson, 1997).

O modelo de Gudjonsson e Clark comporta, deste modo, segundo Gudjonsson (2003), três premissas fundamentais. A primeira diz respeito ao facto de a SI depender das estratégias de *coping* que as pessoas conseguem gerar e implementar quando confrontadas com a incerteza e a expectativa. A segunda premissa refere-se à confiança interpessoal necessária para que haja cedência à sugestão, ou seja, o entrevistado deve acreditar que as intenções do entrevistador são legítimas e que não existem “armadilhas” no questionamento. Por fim, a terceira premissa está relacionada com as expectativas de sucesso. Muitas vezes as pessoas estão relutantes em dizer “não sei”, pois acreditam que têm de dar uma resposta definida, uma vez que devem saber a resposta à questão e que é expectável que a saibam.

Estes autores também argumentam que o *feedback*, particularmente o negativo, tem um grande impacto no comportamento subsequente do entrevistado. O *feedback* negativo pode estar implícito na simples repetição das perguntas ou pode resultar de uma comunicação feita ao entrevistado sobre o seu desempenho e que é percebida por este como indicador de que as suas respostas são, de algum modo, insatisfatórias (McGroarty & Baxter, 2007).

Este modelo foi estudado aprofundadamente sobretudo nas publicações de Schooler e Loftus (1986, cit. por Gudjonsson, 2003) e Irving, (1987, cit. por Gudjonsson, 2003). Os primeiros autores defendem que este modelo representa uma tentativa válida de compreensão de um fenómeno tão multifacetado como é a SI. No entanto, referem que o modelo poderá ser enriquecido se tiver em conta o princípio da “deteção da discrepância” que também influencia a sugestionabilidade (Gudjonsson, 2003). De acordo com este princípio, as recordações têm maior probabilidade de serem alteradas quando uma pessoa não deteta a diferença entre a memória original do acontecimento e a sugestão introduzida após o acontecimento (Cardone &

Dent, 1996). Os estudos sobre o efeito da detecção da discrepância na SI focaram-se na manipulação do intervalo entre a visualização do evento e a posterior introdução da informação sugestiva, tendo-se concluído que é mais provável a presença de falsa informação nas recordações dos sujeitos quanto maior for o intervalo entre a visualização do acontecimento e a introdução dessa informação (Hertel, Cosden, & Johnson, 1980; Loftus, Miller, & Burns, 1978). Por seu lado, Irving (1987, cit. por Gudjonsson, 2003), na sua revisão do modelo de Gudjonsson e Clark, coloca a ênfase na possibilidade de sobreposição dos conceitos de sugestionabilidade interrogativa e complacência. Este conceito difere do primeiro pois não implica a aceitação, por parte do sujeito, da informação sugestiva, pelo contrário, este tem a noção de que as suas respostas estão a ser influenciadas (Hansen, Smeets & Jelicic, 2010).

2.2. As Escalas de Sugestionabilidade Interrogativa de Gudjonsson

No seguimento dos seus estudos sobre a SI, Gudjonsson criou, em 1997, a Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson (*Gudjonsson Suggestibility Scale; GSS*). Esta é composta por duas versões, a GSS-1 e a GSS-2. A primeira inclui um relato de um acontecimento com cariz criminal e a segunda um acontecimento não relacionado com a área forense. Até à data da construção da GSS não havia medidas de SI que pudessem ser utilizadas para avaliar casos individuais (Gudjonsson, 2003), daí a importância que estas escalas assumiram no âmbito da Psicologia Forense e, mais particularmente, na avaliação da credibilidade do testemunho. As escalas de sugestionabilidade de Gudjonsson são utilizadas sobretudo como ferramentas clínicas ou forenses para identificar indivíduos que podem requerer um cuidado extra durante a entrevista ou em casos em que uma confissão tenha sido obtida em situação de interrogatório. Neste segundo caso, tendo a pessoa um desempenho pobre na GSS pode reclamar que o seu primeiro depoimento foi obtido numa situação de grande pressão interrogativa (Baxter & Bain, 2002). Este cuidado extra diz respeito a uma “proteção” dos sujeitos das táticas manipulativas e da pressão interrogativa, muitas vezes presente nos interrogatórios policiais (Drake, Bull & Boon, 2008).

O procedimento da GSS começa com a audição de uma história e a sua evocação imediata. Após cerca de 50 minutos volta a pedir-se ao indivíduo que evoque a história (evocação diferida)¹. São então feitas 20 perguntas, 15 das quais são de carácter sugestivo e outras 5 não induzem qualquer sugestão na resposta do sujeito. Posteriormente é dado *feedback* negativo ao sujeito, dizendo “Cometeu/cometestes vários erros. É portanto necessário fazer todas as perguntas novamente e, desta vez, tente/tenta ser mais exato/a” (Gudjonsson, 1997, p. 4). Este *feedback* deve ser comunicado de forma assertiva para que seja aceite pelo sujeito. É então repetido o questionamento (Gudjonsson, 1997).

Assim, a GSS, através deste procedimento, permite avaliar sete aspectos:

– Recordação imediata – dá indicações sobre a atenção, concentração e capacidade de memória do indivíduo.

– Recordação diferida – informa sobre a deterioração da memória após um período de cerca de 50 minutos. A memória deteriora-se geralmente 1 a 2 pontos em relação à recordação imediata. Com a idade a deterioração é mais marcada.

– Cedência 1 – representa o número de sugestões a que o indivíduo cede antes da introdução do *feedback* negativo.

– Cedência 2 – número de sugestões a que o indivíduo cede após a introdução do *feedback* negativo. Geralmente, encontra-se 1 ou 2 pontos acima da medida de “cedência 1”. Este valor está mais relacionado com a “mudança” (ver a seguir) do que a “cedência 1”, logo dá-nos uma melhor indicação da vulnerabilidade dos sujeitos para cederem em situações de pressão interrogativa.

– Mudança – representa o número de vezes que houve mudança nas respostas do sujeito a seguir à introdução de *feedback* negativo.

– Sugestionabilidade total – obtém-se somando os valores de “cedência 1” e da “mudança”.

– Confabulação – remete para dificuldades no processamento da memória no qual as pessoas substituem lacunas na memória com experiências imaginadas que acreditam ser reais.

¹ Este intervalo com evocação diferida é considerado facultativo.

2.3. Estudos sobre a sugestionabilidade interrogativa

Gudjonsson (2003) refere que o melhor modo de testar o mérito de uma teoria é estudar de que forma as várias hipóteses derivadas dessa teoria são apoiadas empiricamente. Assim, após o desenvolvimento do modelo teórico de Gudjonsson e Clark, várias têm sido as investigações² levadas a cabo para se compreender a relação entre a SI e variáveis como a memória, a inteligência, a personalidade, a desejabilidade social, a atenção, a aquiescência, a complacência, *locus* de controlo, acontecimentos de vida negativos, estratégias de *coping*, deteção de simulação ou esforço reduzido na GSS. Gudjonsson (2006, cit. por Gudjonsson & Young, 2011) refere que existem quatro tipos de características psicológicas ou estados mentais que podem tornar uma testemunha, vítima ou suspeito, num caso criminal, propenso a fornecer informação incorreta, duvidosa ou enganosa. Essas vulnerabilidades psicológicas referem-se à existência de perturbação mental, de um estado mental anormal (ansiedade, perturbação do humor, efeito de substâncias, entre outros), de um funcionamento intelectual inferior à média do grupo normativo e de determinados traços de personalidade (amabilidade, neuroticismo e extroversão).

A seguir apenas serão mencionados os estudos que envolvem as variáveis respeitantes à presente investigação: inteligência, atenção, personalidade e desejabilidade social. Será também abordada a questão respeitante à modalidade de apresentação do material a ser recordado.

2.3.1. Sugestionabilidade interrogativa e inteligência

Gudjonsson e Clark (1986, cit. por Gudjonsson, 2003) referem dois motivos pelos quais a inteligência e a SI devem estar negativamente correlacionadas. A SI está relacionada com a incerteza, que depende, em certa medida, da capacidade de memória do indivíduo e, por sua vez, esta está significativamente relacionada com a inteligência. Além disso, a SI está relacionada com a capacidade da pessoa para lidar com a incerteza, as expectativas e a pressão associadas ao interrogatório, e pessoas com baixa inteligência terão recursos intelectuais mais limitados para as ajudar a lidar

² Para uma revisão bibliográfica de algumas das investigações empíricas realizadas desde o desenvolvimento e publicação da GSS 1, pode ser consultada a obra de Gisli Gudjonsson (2003).

com tarefas pouco familiares como os interrogatórios.

Esta questão foi explorada por vários autores, sendo que Gudjonsson (2003) refere que esta relação só será observável em indivíduos com um QI abaixo da média ou, por outras palavras, quando o QI é médio ou acima da média não se verificarão diferenças na SI. Gudjonsson (1983, cit. por Gudjonsson, 2003) encontrou correlações negativas entre o QI, medido pela WAIS (*Wechsler Adult Intelligence Scale*) e a GSS-1 nas medidas de “cedência 1” e “mudança”. Também Tully e Cahill (1984, cit. por Gudjonsson, 2003) compararam os resultados de QI medidos pelas Matrizes Progressivas de Raven e o Teste de Vocabulário de Crigton e encontraram correlações relativamente elevadas com a SI. Gudjonsson (1988, cit. por Calicchia & Santostefano, 2004) confirmou, num estudo com sujeitos da população forense, a hipótese de que apenas quando o QI é inferior à média é que se encontram correlações negativas entre esta medida e a SI avaliada pela GSS-1. Resultados semelhantes foram encontrados por Pollard *et al.* (2004) num estudo com uma amostra da população geral, com uma média de idades de 26.54 anos, na qual foi possível verificar a existência de uma correlação negativa significativa entre o QI e os resultados da GSS, mas que desapareceu quando foram excluídos da amostra os sujeitos com QI abaixo de 100.

Outros autores como Tata (1983, cit. por Gudjonsson, 2003), Powers, Andriks e Loftus (1979, cit. por Gudjonsson, 2003) realizaram estudos nos quais não observaram esta correlação negativa entre a SI e a inteligência. No entanto, nas amostras destes autores os sujeitos apresentavam um QI superior à média, daí que a não obtenção da referida correlação esteja de acordo com a hipótese levantada por Gudjonsson.

2.3.2. Sugestionabilidade interrogativa e atenção

A atenção é também um constructo importante a ser avaliado, pois Gerrie, Garry e Loftus (2004, cit. por Howard & Chaiwitikornwanich, 2006), ao estudarem o paradigma da desinformação, referiram que a capacidade para detetar a discrepância entre um acontecimento e a informação sugestiva, introduzida após esse acontecimento, está relacionada tanto com a memória do acontecimento como com a atenção prestada à informação sugestiva.

Contudo, existem poucos estudos que relacionem estas duas variáveis (Calicchia & Santostefano, 2004). Num deles, realizado por Gibbons e McCoy (1991), esta relação foi examinada do ponto de vista da teoria da auto-consciência tendo sido apontado que o foco extrínseco da atenção está positivamente relacionado com a sugestionabilidade e o foco intrínseco pode inibir a sugestionabilidade. Já Calicchia e Santostefano (2004) verificaram que a SI não estava significativamente correlacionada com a atenção. Contudo, referem que a GSS-2 poderá estar relacionada com outro tipo de atenção seletiva, diferente daquela por eles estudada.

Howard e Chaiwutikornwanich (2006) realizaram um estudo eletrofisiológico no qual estudaram as correlações entre a SI, a memória e a atenção. Estes autores não encontraram diferenças de atenção entre indivíduos sugestionáveis e não sugestionáveis.

2.3.3. Sugestionabilidade interrogativa e personalidade

No que diz respeito aos traços de personalidade existe um vasto número de bibliografia sobre a sua relação com a SI. São referidos três traços principais que se encontram em correlação com este tipo de sugestionabilidade: a amabilidade, o neuroticismo e a extroversão.

Nurmoja (2005) indica que existem alguns dados que revelam que indivíduos com elevados níveis de amabilidade são mais propensos a cometer erros quando confrontados com perguntas enganadoras, sobretudo quando a pressão social é elevada.

No que se refere ao neuroticismo, Gudjonsson (1983, cit. por Nurmoja, 2005) encontrou correlações baixas, mas significativas, entre a sugestionabilidade total e o neuroticismo. Os mesmos resultados foram obtidos por Wolfradt e Meyer (1998), mas não por Haraldsson (1985, cit. por Nurmoja, 2005). Todos estes estudos utilizaram como medida de neuroticismo o *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ).

Wolfradt (2003, cit. por Polczyk, 2005) observou uma correlação positiva entre a SI e a faceta neuroticismo, medida pelo NEO- Inventário dos Cinco Factores (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1992). Também Drake (2010a) encontrou uma correlação positiva significativa, embora baixa, entre o resultado “mudança” e neuroticismo, medido pelo mesmo inventário de personalidade. Safford, Alloy, Abramson e Crossfield (2007, cit. por Drake

2010b) apontam a existência de correlação entre o neuroticismo e a “cedência 2”, referindo que o neuroticismo poderá estar associado à presença de *stress*, o que levará a uma percepção negativa das situações.

Quanto à faceta extroversão os resultados são controversos. Ward e Loftus (1985, cit. por Nurmoja, 2005) descobriram que indivíduos introvertidos e intuitivos eram mais suscetíveis à falsa informação. Troune e Libkuman (1992, cit. por Nurmoja, 2005 e Liebman et al., 2002) obtiveram resultados contrários, ou seja, que os extrovertidos eram mais suscetíveis à falsa informação.

Por seu lado, Polczyk (2005) não encontrou qualquer relação da SI com nenhum dos traços de personalidade medidos pelo NEO-FFI.

2.3.4. Sugestionabilidade interrogativa e desejabilidade social

Relativamente à desejabilidade social, Gudjonsson (2003) afirmou que as pessoas com maior necessidade de se apresentarem como socialmente aceites seriam mais suscetíveis à SI. Este constructo é geralmente medido através do EPQ ou da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne.

Gudjonsson (1983, cit. por Gudjonsson, 2003) encontrou correlações baixas entre o valor da sugestionabilidade total da GSS-1 e a desejabilidade social medida pelo EPQ. Outros autores (Tata, 1983; Haraldsson, 1985 cit. por Gudjonsson, 2003) chegaram aos mesmos resultados. Polczyk (2005) utilizou no seu estudo a escala de Marlowe-Crowne e verificou que a desejabilidade social apenas se correlacionava com a “mudança” da GSS-1, continuando esta correlação a ser baixa.

2.3.5. Sugestionabilidade Interrogativa e modalidades de apresentação da informação

A maioria dos testemunhos baseam-se em material visualmente percebido, enquanto a GSS apresenta aos indivíduos apenas informação verbal. Usar uma narrativa oral como estímulo pode limitar a generalização dos resultados obtidos com a GSS para as dinâmicas reais dos interrogatórios policiais que incidem sobre acontecimentos visuais (McGroarty & Baxter, 2007). Considerando que os estudos focados nas diferenças individuais de SI frequentemente examinam a memória de informação visual (Aizpurua et al., 2009), torna-se pertinente a criação de

um instrumento para adultos³ que avalie a SI no caso de informação visual. Este poderá ser um instrumento útil para preencher as lacunas existentes na avaliação da sugestionabilidade.

Cardone e Dent (1996) distribuíram pessoas com dificuldades de aprendizagem por duas condições: apresentação verbal e apresentação visual-verbal da informação⁴ a ser recordada. Verificaram que na segunda condição houve um nível de recordação da informação mais elevado e mais preciso. Por seu lado, Calicchia e Santostefano (2004) não encontraram diferenças significativas de sugestionabilidade entre o uso de um teste verbal ou visual. A amostra destes autores era constituída por crianças do 5º. e 6º. anos de escolaridade, distribuídas por duas condições. Uma visualizavam o vídeo de um programa popular de televisão e outras eram expostas ao procedimento da GSS-2. Com este estudo observaram que as raparigas eram mais propensas a ceder à sugestão quando lhes era apresentado o vídeo. Foram ainda encontradas correlações significativas fracas entre a memória visual (evocação do conteúdo do vídeo) e as pontuações de “cedência 1” e “mudança”.

A questão da modalidade de apresentação da informação tem também sido explorada nos estudos sobre o paradigma das falsas memórias (Lane, Mather, Villa & Morita, 2001). Aizpurua, Garcia-Bajos e Migueles (2009) inquiriram se as memórias verdadeiras e as falsas memórias diferem com a apresentação verbal ou visual do acontecimento. Verificaram que o nível de precisão da informação recordada era maior para a informação verbal do que para a informação visual e as falsas memórias eram mais prováveis no caso da informação visual do que verbal. Estes resultados são congruentes com os encontrados nos estudos do paradigma da desinformação, levados a cabo por Braun e Loftus (1998) e Pezdeck e Greene (1993). Estes autores verificaram que a informação visual era especialmente suscetível ao efeito das falsas memórias. Isto sugere que, no caso dos testemunhos, a informação verbal pode ser mais resistente ao referido efeito. Assim, as escalas que avaliam a

³ Para crianças já existe uma escala de avaliação da sugestionabilidade interrogativa que inclui informação visual, a *Video Suggestibility Scale for Children* (VSSC, Scullin & Cecci, 2001; Scullin & Hembrooke, 1998)

⁴ Esta apresentação visual-verbal era feita através da apresentação de 17 diapositivos acompanhados do som da voz, os quais foram construídos de modo a serem equivalentes à GSS-2.

Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra de jovens portugueses

Ana Raquel Póvoa Correia (e-mail:correiaaps@gmail.com) 2012

SI através de procedimentos verbais podem não avaliar a verdadeira vulnerabilidade dos sujeitos perante situações visuais, as quais representam a maior parte dos testemunhos prestados.

Contudo, em estudos com listas de palavras associadas (Israel & Schacter, 1997; Smithe, Lozito, & Bayen, 2005, cit. por Aizpurua et al., 2009) foi observado um aumento de falsas memórias a seguir a uma apresentação auditiva do estímulo comparativamente com a apresentação visual. Isto sugere que a codificação de materiais visuais produziria uma representação distintiva na memória que facilitaria a monitorização da fonte na recuperação da informação semanticamente relacionada. No entanto, convém não esquecer que, na vida real, a memória das testemunhas para informações visuais e verbais depende também da relevância dos conteúdos (Aizpurua et al., 2009). Woolnough e MacLeod (2001) referem que ao presenciarem um acontecimento as pessoas focam-se nas ações chave, como por exemplo, um roubo, um assalto ou um acidente de automóvel. Mas, a questão sobre qual das condições (verbal ou visual) levará a uma melhor evocação da informação não está ainda bem clara.

II - Objectivos

O presente estudo teve como principal objetivo criar um teste análogo à GSS-1, mas com apresentação visual do material a recordar. Neste âmbito, procurou-se averiguar se existem diferenças na SI, tendo em conta a forma como um episódio criminal é apresentado (verbalmente ou visualmente).

Pretendeu-se também perceber se as eventuais diferenças entre os dois formatos usados na avaliação da SI estariam associadas a fatores como inteligência não-verbal, atenção seletiva, características de personalidade e desejabilidade social.

Deste modo, tendo em conta a revisão da bibliografia anteriormente apresentada, colocaram-se as seguintes hipóteses:

H1: Existem diferenças significativas nas medidas de sugestionabilidade quando o material a recordar é apresentado sob a forma visual ou sob a forma verbal, sendo que no primeiro caso a SI seria maior.

H2: Existem diferenças na memória (medida através da *Evocação Imediata e Evocação Diferida*) quando o material é apresentado sob a forma verbal ou sob a forma visual.

H3: Existem correlações negativas entre a SI e a inteligência não-verbal (se a média desta última não for superior à média).

H4: Existem correlações negativas entre a SI e a atenção seletiva.

H5: Existem correlações negativas entre a faceta *Extroversão* e SI.

H6: Existem correlações positivas entre a faceta *Neuroticismo* e a SI.

H7: Existem correlações positivas entre a faceta *Amabilidade* e a SI.

H8: Existem correlações positivas entre a SI e a desejabilidade social.

III - Metodologia

1. Amostra

A amostra é constituída por 80 estudantes do ensino secundário (10º, 11º e 12º anos) de um colégio na cidade de Coimbra, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

Os sujeitos foram distribuídos aleatoriamente por duas condições experimentais: grupo de controlo (aplicação de um procedimento semelhante à GSS-1 com a audição de uma narrativa) e grupo experimental (aplicação de um procedimento semelhante ao da GSS-1, mas com visualização de um vídeo correspondente à narrativa do grupo de controlo). O grupo de controlo inclui 40 participantes, 20 dos quais do género masculino e 20 do género feminino entre os 15 e os 18 anos ($M= 16.33$; $DP= .94$). Por seu lado, o grupo experimental é constituído pelo mesmo número de sujeitos do género masculino e feminino, com idades também compreendidas entre os 15 e os 18 anos ($M= 16.25$; $DP= .84$).

Nos Quadros 1 e 2 apresenta-se a caracterização do grupo de controlo e do grupo experimental, respetivamente.

Quadro 1 - Características do grupo de controlo

Grupo de Controlo					
		<i>N</i>	Frequência	Média (<i>DP</i>)	Amplitude
Idade		40		16.33 (.94)	15 – 18
Ano de escolaridade	10º ano	13	32,5%		
	11º ano	8	20%		
	12º ano	19	47,5%		
Género	Masculino	20	50%		
	Feminino	20	50%		
Inteligência		40		46.90 (6.73)	30 – 57
Atenção seletiva		40		21.30 (4.70)	11.5 – 29.9
Neuroticismo		40		27.50 (6.24)	15 – 38
Extroversão		40		31.62 (5.18)	16 – 40
Amabilidade		40		26.78 (5.37)	17 – 37
Desejabilidade social		40		15.70 (4.26)	8 – 24

Quadro 2 - Características do grupo experimental

Grupo Experimental				
	<i>N</i>	Frequência	Média (<i>DP</i>)	Amplitude
Idade	40		16.25 (.84)	15 – 18
Ano de escolaridade	10º ano	11	27.5%	
	11º ano	15	37.5%	
	12º ano	14	35%	
Género	Masculino	20	50%	
	Feminino	20	50%	
Inteligência	40		47.17 (6.92)	30 – 59
Atenção seletiva	40		20.82 (4.04)	8.9 – 27.6
Neuroticismo	40		25.43 (7.23)	11 – 41
Extroversão	40		32.02 (5.37)	19 – 44
Amabilidade	40		28.72 (5.86)	18 – 41
Desejabilidade social	40		16.15 (4.87)	5 – 26

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no que diz respeito às variáveis idade [$t(78)=.375$, $p=.857$], escolaridade [$\chi^2(2, N=80)=2.275$, $p=.321$], inteligência não-verbal [$t(78)=.180$, $p=.624$], atenção seletiva [$t(78)=.493$, $p=.624$], neuroticismo [$t(78)=1.375$, $p=.173$], extroversão [$t(78)=-.339$, $p=.736$], amabilidade [$t(78)=-1.552$, $p=.125$] e desejabilidade social [$t(78)=.734$, $p=.661$].

2. Procedimento

Após a obtenção das autorizações necessárias à realização do estudo, iniciou-se a recolha dos dados numa sessão individual com cerca de 60 minutos. No intervalo de 50 minutos entre a primeira e a segunda evocação, foram administrados o teste das Matrizes Progressivas de Raven, o teste Barragem Três Sinais, o NEO- Inventário dos Cinco Factores e a Escala de Desejabilidade Social Marlowe-Crowne. O grupo de controlo (condição verbal) ouvia o relato gravado de uma história (anexo 1), evocava imediatamente essa história e 50 minutos depois evocava novamente a história. Eram então colocadas as 20 perguntas (ver anexo 2), 15 das quais induziam sugestão e 5 não sugestivas. Posteriormente, era introduzido o *feedback* negativo e repetidas as 20 perguntas. O grupo experimental (condição visual) apenas diferia do procedimento aplicado ao grupo de controlo no material inicial (informação a recordar) que, em vez do episódio ser narrado verbalmente, era apresentado em vídeo, sem som.

Todos os relatos de evocação imediata e diferida foram gravados e transcritos posteriormente para serem cotados.

3. Instrumentos

3.1. Teste verbal e visual de sugestionabilidade interrogativa

Para medir a SI foram criados dois testes similares de avaliação. Um deles diz respeito a um teste verbal/auditivo, no qual o sujeito ouve o relato de uma história com conteúdo forense, tal como acontece na GSS-1. O outro refere-se a um vídeo⁵, sem som, que retrata essa história. À semelhança do que acontece na GSS foram formuladas 20 perguntas, 15 das quais são sugestivas e 5 não sugestivas. As 15 perguntas sugestivas foram criadas de acordo com o procedimento adotado por Gudjonsson (1997), ou seja, incluem 5 perguntas com sugestões com uma ou mais premissas que criam a expectativa de um certo tipo de resposta (ex. da GSS1: “As roupas da senhora rasgaram-se durante a luta?”, inclui a premissa luta e por isso é plausível uma resposta “verdade”), 5 perguntas afirmativas que não incluem premissas

⁵ Trata-se de um vídeo retirado do youtube (<http://www.youtube.com/watch?v=q-1O5IpERY0>) que foi editado de forma a incluir apenas a ação principal (o roubo). Este vídeo tem a duração de 10 segundos.

ou expectativas, mas causam dúvida no sujeito (ex. da GSS1: “Algum dos assaltantes gritou com a senhora?”) e 5 perguntas com alternativas falsas, ou seja, perguntas de resposta fechada nas quais ambas as alternativas sugeridas são falsas (ex. da GSS1: “A senhora tinha um ou dois filhos?”). O episódio de um roubo, após a edição, foi visualizado de forma independente por três observadores e a descrição destes foi discutida de modo a obter-se a narrativa áudio final. Posteriormente, definiram-se as unidades de cotação em que seria dividida a narrativa do episódio (anexo 1), tomando como orientação a GSS-1.

As medidas obtidas são as mesmas supracitadas no ponto 2.3 para a GSS.

3.2. Matrizes Progressivas Estandarizadas de Raven

As Matrizes Progressivas Estandarizadas de Raven (MPER; Raven, Court, & Raven, 1996; versão port. Infoteste, 1998) são uma medida de inteligência não-verbal, mais propriamente de capacidade dedutiva e de raciocínio. São constituídas por 5 séries (A a E), cada uma com 12 figuras incompletas e com um nível de dificuldade progressivo. O objetivo é que o sujeito indique qual das opções completa a figura. Cada opção corretamente escolhida é cotada com um ponto, podendo o sujeito obter um total de 60 pontos.

Foram realizados mais de quarenta estudos de fiabilidade com as MPER (Raven et. al, 1996) e verificaram-se valores bastante satisfatórios, tanto no que respeita à consistência interna como à estabilidade teste-reteste.

3.3. Teste Barragem 3 Sinais

O Teste Barragem 3 Sinais (versão port. Amaral, 1967) permite avaliar a atenção seletiva/focalizada na tarefa, ou seja, a capacidade de atender a um estímulo em detrimento de outros. É um teste composto por uma folha A5 com vários quadrados com traços em várias orientações. O objectivo é que o sujeito assinale apenas os símbolos iguais aos do exemplo. No final cotam-se os símbolos corretamente assinalados, os erradamente assinalados e os que o sujeito se esqueceu de marcar. Este é considerado um

bom teste de atenção seletiva, sendo um dos testes mais referenciados nesta área (Alberto, 2003).

3.4. Inventário de Personalidade NEO

O *Neo-Five Factor Inventory* (NEO-FFI; Costa & MacCrae, 1989; Lima & Simões, 2000) é um inventário de personalidade que permite avaliar os cinco fatores da personalidade definidos pelo modelo *Big Five*: Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Abertura à experiência e Conscienciosidade. É composto por 60 questões, 12 para cada factor, às quais o sujeito deve responder segundo de uma escala tipo Likert de 0 a 4, sendo 0 “discordo totalmente” e 4 “concordo totalmente”. Este inventário é utilizado a partir dos 17 anos de idade.

O NEO-FFI é considerado uma versão breve do NEO-PI-R e constitui uma medida adequada dos cinco fatores da personalidade (Lima, 2002, cit. por Yassine, 2011). No que diz respeito à validade do instrumento, vários estudos têm confirmado a relação entre diversas variáveis e os domínios do NEO, assim como o poder preditivo das suas escalas (Costa & McCrae, 1992, cit. por Yassine, 2011), tendo em conta uma variedade de critérios externos, tais como o bem-estar psicológico, os traços interpessoais ou o pensamento divergente. A fidelidade e validade deste instrumento são relativamente robustas (Lima, 2002, cit. por Yassine, 2011).

3.5. Escala de Desejabilidade Social Marlowe-Crowne

A Escala de Desejabilidade Social Marlowe-Crowne (*Marlowe-Crowne Desirability Scale*, MCDS; Crowne & Marlowe, 1960; trad port. Simões, Almiro, Lucas, & Sousa, 2010) é um inventário composto por 33 questões de tipo “sim/não” que pretende avaliar a tendência dos sujeitos para darem respostas socialmente aceitáveis. As questões assinaladas com “sim” representam 1 ponto e as com “não” representam 0 pontos em dezoito das questões. Nas restantes quinze a pontuação é invertida. Posteriormente, somam-se todos os pontos obtidos, o que permite obter um resultado da desejabilidade social.

Esta é das escalas mais utilizadas na medição deste constructo. A versão original apresenta boas características de validade, encontrando-se

Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra de jovens portugueses

Ana Raquel Póvoa Correia (e-mail:correiaepsi@gmail.com) 2012

correlacionada com a *MMPI Lye Scale (Multifasic Minesotta Personality Scale)* e a *Edwards' Scale*, correlações estas que, segundo os autores da escala, estão de acordo com a definição de desejabilidade social no que se refere à necessidade das pessoas responderem de forma socialmente aceite (Gouveia et al, 2009).

IV - Resultados

Neste estudo procedeu-se à comparação dos resultados obtidos pelos dois grupos nas diferentes medidas de SI. Procurou-se ainda analisar a existência de correlações entre as várias medidas deste tipo de sugestionabilidade e as outras variáveis em estudo (inteligência-não verbal, atenção seletiva, neuroticismo, extroversão, amabilidade e desejabilidade social).

1. Comparação das medidas de sugestionabilidade e memória dos dois grupos

No Quadro 3 são apresentados as médias e os desvios-padrão das diferentes medidas de memória e de SI para os grupos experimental (condição visual) e de controlo (condição verbal).

Quadro 3 - Médias e desvios-padrão das medidas de memória e SI nos dois grupos

	Grupo Experimental (N= 40)		Grupo de Controlo (N= 40)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Evocação Imediata	5.50	2.75	23.56	7.84
Evocação Diferida	5.69	2.65	22.34	8.16
Confabulação	8.27	4.89	6.00	3.42
Cedência 1	4.65	1.82	2.45	1.78
Cedência 2	5.43	2.45	3.15	2.34
Mudança	3.32	2.41	2.32	1.75
Sugestionabilidade Total	8.00	3.37	4.75	3.10

No Quadro 4 são apresentados os resultados da análise comparativa com o teste *t-student*⁶ para amostras independentes.

Quadro 4 - Valores do teste *t-student* para a comparação entre ambos os grupos quanto às medidas de memória e de SI

	<i>t</i>	<i>p</i>
Evocação Imediata	- 13.74	.000
Evocação Diferida	- 12.27	.000
Confabulação	2.41	.018
Cedência 1	5.46	.000
Cedência 2	4.25	.000
Mudança	2.12	.037
Sugestionabilidade Total	4.49	.000

Como podemos verificar no Quadro 4 os dois grupos distinguem-se de forma estatisticamente significativa em todas as variáveis analisadas, apresentando medidas de efeito⁷ muito elevadas nas variáveis *Evocação Imediata* ($d= 3.08$), *Evocação Diferida* ($d= 2.75$) e *Cedência 1* ($d= 1.22$), elevadas nas variáveis *Cedência 2* ($d= .95$) e *Sugestionabilidade Total* ($d= 1.00$) e magnitudes médias nas variáveis *Confabulação* ($d=.54$) e *Mudança* ($d= .47$).

2. Análise de correlações

Considerando as hipóteses formuladas relativamente à existência de correlações entre as variáveis inteligência não-verbal, atenção seletiva, características de personalidade e desejabilidade social e as medidas de SI procedeu-se ao cálculo dos coeficientes de correlação de *Pearson*, para as variáveis que cumpriram o pressuposto da normalidade (*Inteligência não verbal, Atenção seletiva, Desejabilidade social, Neuroticismo, Extroversão, e Amabilidade e Evocação Diferida*) e de *Spearman* para as restantes variáveis (*Evocação Imediata, Cedência 1, Cedência 2, Mudança e*

⁶ Uma vez que o número de observações é superior a 30 em ambos os grupos, não é necessário que seja cumprido o pressuposto da normalidade para se poder aplicar o teste *t-student* (Pestana & Gageiro, 2005).

⁷ Segundo a classificação de Cohen (1988).

Sugestionabilidade Total)⁸. Uma vez que a análise através do *t-student* revelou que os grupos diferem estatisticamente nas medidas de SI optou-se por fazer a análise das correlações após a realização de uma partição da base de dados (*split file*). Assim, no Quadro 5 são apresentados os coeficientes de correlação e os respetivos níveis de significância apenas para as variáveis que mostraram correlacionar-se⁹ com as medidas de SI, no grupo de controlo¹⁰.

Quadro 5 - Matriz de correlações entre as variáveis *Desejabilidade Social*, *Neuroticismo* e *Amabilidade* e as medidas de SI *Cedência 1*, *Cedência 2*, *Mudança* e *Sugestionabilidade Total* para o grupo de controlo

		Desejabilidade Social	Neuroticismo	Amabilidade
Cedência 1	<i>r</i>	-.242	.330	-.318
	<i>p</i>	.066	.019	.023
Cedência 2	<i>r</i>	-.295	.266	-.197
	<i>p</i>	.032	.048	.111
Mudança	<i>r</i>	-.328	.185	-.275
	<i>p</i>	.039	.254	.086
Sugestionabilidade Total	<i>r</i>	-.340	.288	-.308
	<i>p</i>	.016	.036	-.027

Ao analisar o Quadro 5 verificamos a existência de correlações, no grupo de controlo (condição verbal), entre o *Neuroticismo* e a *Cedência 1* [$r(38)=.330$], a *Cedência 2* [$r(38)=.266$] e a *Sugestionabilidade Total* [$r(38)=.288$]. Observou-se também que a *Desejabilidade Social* está correlacionada com os valores de *Cedência 2* [$r(38)=-.295$], *Mudança* [$r_s(40)=-.328$] e *Sugestionabilidade Total* [$r_s(40)=-.340$]. Por último a

⁸ A análise do pressuposto da normalidade permitiu verificar que as variáveis *Evocação Imediata*, *Confabulação* e *Mudança* não cumpriam este pressuposto no grupo de controlo e as variáveis *Cedência 1*, *Cedência 2* e *Mudança* não cumpriam o referido pressuposto no grupo experimental, tendo sido calculado o coeficiente de correlação de *Spearman* para estas variáveis nos respetivos grupos.

⁹ As correlações estatisticamente significativas encontram-se destacadas a negrito no Quadro 5.

¹⁰ A matriz total das correlações entre as variáveis em estudo e as medidas de SI do grupo de controlo encontra-se no anexo 3 (Quadro 7).

Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra de jovens portugueses

Amabilidade surgiu correlacionada com a *Cedência 1* [$r(38)=-.318$] e a *Sugestionabilidade Total* [$r(38)=-.308$]. Todas estas correlações são consideradas baixas¹¹.

Relativamente ao grupo experimental (condição visual), no Quadro 6 são igualmente apresentadas somente as correlações estatisticamente significativas entre as variáveis em estudo e as medidas de SI¹².

Quadro 6 - Matriz de correlações entre a variável *Extroversão* e as medidas de *Cedência 1*, *Mudança* e *Sugestionabilidade Total* para o grupo experimental

		Extroversão
Cedência 1	<i>r</i>	-.446
	<i>p</i>	.004
Mudança	<i>r</i>	-.386
	<i>p</i>	.014
Sugestionabilidade Total	<i>r</i>	-.457
	<i>p</i>	.002

Através da análise do Quadro 6 verifica-se que no grupo experimental (condição visual), é a variável *Extroversão* que apresenta correlação com as medidas de SI *Cedência 1* [$r_s(40)= -.252$], *Mudança* [$r_s(40)=-.386$] e *Sugestionabilidade Total* [$r(38)= -.457$], sendo que as duas primeiras correlações são consideradas baixas e a última moderada.

¹¹ Segundo Pestana e Gageiro (2005).

¹² A matriz total das correlações entre as variáveis em estudo e as medidas de SI para o grupo experimental encontra-se no anexo 4 (Quadro 8).

Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra de jovens portugueses

V - Discussão

Assiste-se, atualmente, a um crescente aumento da criminalidade em Portugal, o que coloca cada vez mais as pessoas em contato com o sistema de justiça, em geral e com a situação de testemunho, em particular. Conforme foi referido, a prova testemunhal encontra-se entre aquelas que maior peso têm na condenação de um arguido, pois que, por si só, pode bastar para estabelecer condenação em matéria penal. Daí que o estudo do testemunho e da sua credibilidade assuma cada vez uma maior relevância. Neste contexto, importa estudar e desenvolver medidas que permitam avaliar a sugestionabilidade dos testemunhos. Uma das medidas mais usadas neste âmbito é a GSS (Gudjonsson, 1997). Trata-se de uma escala para avaliar a SI recorrendo à apresentação de um estímulo verbal (uma narrativa apresentada oralmente). No entanto, nas situações da vida real, as pessoas têm, na maior parte das vezes, de prestar testemunho relativamente a acontecimentos visualmente percebidos.

Assim, o presente estudo procurou avaliar se existem diferenças ao nível da SI e da memória de acontecimentos quando um episódio sobre um roubo é apresentado verbalmente (grupo de controlo) ou visualmente (grupo experimental). Tal constitui uma tentativa de esclarecimento da necessidade de se desenvolver uma medida visual, equivalente à GSS-1, de avaliação da SI. Pretendeu-se ainda investigar a existência de correlações entre as medidas de SI obtidas com ambas as versões (verbal e visual) do teste construído para este estudo e as variáveis *Inteligência não-verbal*, *Atenção seletiva*, *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Amabilidade* e *Desejabilidade Social*.

A primeira e principal hipótese deste estudo de que existiriam diferenças entre os dois grupos no que respeita às medidas de SI pode considerar-se corroborada. Efetivamente, verificou-se que existiam diferenças entre o grupo a quem foi apresentada a versão verbal (grupo de controlo) e o grupo a quem foi apresentada a versão visual (grupo experimental) nas medidas de *Cedência 1*, *Cedência 2*, *Mudança e Sugestionabilidade Total*. Estes valores indicam que a SI parece depender da modalidade de apresentação da informação. Em média, os sujeitos apresentam valores mais elevados de SI quando lhes é apresentada

Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra de jovens portugueses

Ana Raquel Póvoa Correia (e-mail:correiaapsi@gmail.com) 2012

informação visual (i.e., foi obtida uma pontuação média superior na condição visual em todas as medidas de SI). Estes resultados estão de acordo com os obtidos por Aizpurua, Garcia-Bajos e Migueles (2009) no seu estudo. Estes autores, que também utilizaram um vídeo, verificaram que as falsas memórias eram mais prováveis quando os sujeitos eram confrontados com informação visual. Também Braun e Loftus (1998) e Pezdeck e Greene (1993) chegaram a esta conclusão. Estes últimos autores testaram a existência de falsas memórias quando era apresentado aos sujeitos uma sequência de 80 diapositivos (condição visual) ou quando lhes era lida uma narrativa (condição verbal).

Ora, este resultado pode levar a importantes implicações práticas. Tendo-se verificado que a SI é maior perante informação apresentada visualmente (note-se, uma vez mais, que a maioria dos testemunhos prestados baseia-se em informação visual) torna-se pertinente o desenvolvimento de uma medida que avalie a SI para acontecimentos visuais. É também relevante que se estude quais as variáveis que influenciam a SI para acontecimentos visualmente percebidos.

Relativamente à segunda hipótese de que os grupos diferiam em termos das medidas de memória, esta também foi corroborada, uma vez que se verificou que existiam diferenças estatisticamente significativas entre o grupo experimental e de controlo nas medidas de *Evocação Imediata* e *Evocação Diferida* do instrumento de SI administrado. Ou seja, mais uma vez, a memória de acontecimentos parece estar relacionada com a modalidade de apresentação da informação a recordar. Aizpurua, Garcia-Bajos e Migueles (2009) chegaram igualmente ao resultado de que o nível de precisão da informação recordada era maior para a informação apresentada verbalmente. Por seu lado, Cardone e Dent (1996) não obtiveram resultados congruentes com os encontrados neste estudo. Estes autores verificaram que a recordação era mais precisa na condição verbal-visual, ou seja, quando os sujeitos eram confrontados com um estímulo multimodal (informação verbal e visual em simultâneo).

Estas duas primeiras hipóteses podem considerar-se, de certo modo, relacionadas, pois se os sujeitos têm maior dificuldade em recordar informação visualmente percebida deverão ter igualmente menos certeza nas suas respostas e assim poderão apresentar menor resistência à informação

sugestiva. Note-se que o grupo da condição visual não recorda a história exatamente como ela é descrita e cotada, sendo por isso mais fácil ao grupo da condição verbal obter uma melhor pontuação em termos de memória já que ouviu os termos corretos que deve reproduzir. Esta melhoria na evocação das palavras da narrativa pode também levar a que haja uma maior deteção da discrepância entre o relato ouvido e as perguntas colocadas, levando, deste modo, a uma diminuição da SI. No entanto, estas afirmações representam apenas uma interpretação possível para as diferenças encontradas entre os dois grupos. Ainda neste contexto, uma vez que estas diferenças apresentaram uma magnitude elevada, torna-se importante realizar estudos futuros que explorem esta questão e, assim, averiguar qual o melhor método para avaliação da SI, ou seja, o método que mais se aproxima da realidade vivida pelas testemunhas ou o método usado na GSS. Os resultados obtidos neste estudo exploratório indicam que talvez seja necessário avaliar a SI recorrendo a material apresentado sob o formato visual, pois verificou-se que os sujeitos são mais propensos a ceder à sugestão quando são confrontados com informação visual e, por outro lado, a sua recordação dos acontecimentos não é tão exata ou precisa.

No que concerne à terceira hipótese podemos considerar que esta foi corroborada, pois a não existência de correlações negativas entre a SI e a *Inteligência não-verbal* poderá estar relacionada com as médias de inteligência observadas para as duas condições experimentais ($M_{\text{Grupo de controlo}} = 46.90$; $M_{\text{Grupo experimental}} = 47.17$), que indicam que os resultados brutos dos participantes deste estudo são bastante superiores à média (30). Neste âmbito, Gudjonsson (2003) refere que um QI médio ou acima da média parece não ter correlação com a SI. Estudos como o de Pollard et al. (2004) que encontraram correlações entre as medidas de SI e o QI incluíram participantes com inteligência média ou abaixo da média. Uma vez que o foco deste estudo é a avaliação da SI através da apresentação visual *versus* verbal da informação, importa referir que, apesar de não terem sido encontradas correlações respeitantes à inteligência não-verbal, considera-se relevante realizar estudos com amostras com valores de QI mais baixos e assim verificar se existe correlação entre o QI e a SI quando os sujeitos percebem visualmente um acontecimento. É que os estudos já realizados indicam que no caso do material ser apresentado verbalmente (procedimento

regular da GSS) tal correlação existe. Em suma, é importante não descartar esta hipótese e continuar a inserir esta variável em estudos futuros que utilizem um procedimento visual de avaliação da SI.

No que diz respeito à quarta hipótese esta não foi corroborada, uma vez que não foi encontrada qualquer correlação entre as medidas de SI e a *Atenção seletiva*. Também Howard e Chaiwutikornwanich (2006) e Calicchia e Santostefano (2004) não tinham verificado nos seus estudos relação entre as medidas de SI e a atenção. Tal facto contraria a ideia defendida por Gerrie, Garry e Loftus (2004, cit. por Howard & Chaiwutikornwanich, 2006) que referem que a capacidade de deteção da discrepância, e conseqüente menor SI (no paradigma da desinformação) está relacionada tanto com a memória do acontecimento como com a atenção prestada à informação sugestiva. Os resultados obtidos podem ainda significar que a SI estará relacionada com um tipo diferente de atenção do que foi avaliado neste estudo. Por outro lado, a bibliografia sobre esta questão não é ainda muito vasta, podendo representar um ponto de interesse para futuros desenvolvimentos.

A quinta hipótese pode considerar-se parcialmente corroborada. Foram encontradas correlações negativas entre a *Extroversão* e as medidas *Cedência 1*, *Mudança* e *Sugestionabilidade Total*. Contudo, estas apenas se verificaram no grupo experimental. Note-se que no grupo de controlo, ou seja, aquele que foi sujeito a um procedimento semelhante à GSS-1 seria esperado encontrar esta correlação, pois as investigações citadas neste trabalho encontraram correlações entre a *Extroversão* e a SI com a GSS. Assim, os resultados obtidos para o grupo experimental estão de acordo com os estudos desenvolvidos por Ward e Loftus (1985, cit. por Nurmoja, 2005). No entanto existem estudos como os de Trouve e Libkuman (1992, cit. por Nurmoja, 2005 e Liebman et al., 2002) que encontraram uma correlação positiva e o de Polczyk (2005) que não encontrou qualquer correlação. É de referir que apesar de terem sido encontradas as referidas correlações, estas foram baixas com exceção da relação entre a *Extroversão* e a *Sugestionabilidade Total* que apresentou valores considerados moderados.

Quanto à sexta hipótese esta também se pode considerar parcialmente corroborada. Foram encontradas correlações positivas entre a variável *Neuroticismo* e as medidas de SI, com a exceção da medida *Mudança*. No

entanto, estas correlações apenas estão presentes quando a informação é apresentada verbalmente (grupo de controlo). Tal resultado é congruente com o encontrado por outros autores, como é o caso dos estudos desenvolvidos por Gudjonsson (1983, cit. por Nurmoja, 2005) e Safford, Alloy, Abramson e Crossfield (2007, cit. por Drake 2010b). No entanto, a correlação referida por Drake (2010a) entre o valor *Mudança* e a variável *Neuroticismo* não foi encontrado. Importa referir, que assim como nos estudos referidos, também neste trabalho as correlações encontradas entre as medidas de SI e o *Neuroticismo* foram baixas.

A sétima hipótese não foi corroborada, tendo-se inclusive verificado correlações no sentido oposto às referidas na hipótese. Ou seja, a *Amabilidade* surgiu correlacionada negativamente, no grupo de controlo, com as medidas *Cedência 1* e *Sugestionabilidade Total*. Nurmoja (2005) apesar de referir a possibilidade de existência de uma correlação positiva entre a *Amabilidade* e a SI ressalva que não existem estudos suficientes para que se possa chegar a resultados conclusivos.

Por último, a hipótese relativa à *Desejabilidade Social* também não foi corroborada, tendo-se verificado correlações negativas, novamente no grupo de controlo, com todas as medidas de SI, com exceção da medida *Cedência 1*. Estes resultados são contrários aos encontrados por Gudjonsson (1983, cit. por Gudjonsson, 2003). Esta diferença poderá ser explicada pelo facto deste autor ter utilizado uma medida diferente de desejabilidade social. Contudo, Polczyk (2005), utilizando a Escala Marlowe-Crowne, encontrou correlações positivas apenas entre a medida *Mudança* e a *Desejabilidade Social*.

De um modo geral, há ainda a considerar que o tamanho reduzido das amostras do presente estudo, com a consequente diminuição da variabilidade, tem um impacto importante na não observação de valores significativos de correlação. Por outro lado, o facto de as correlações encontradas terem sido diferentes para cada um dos grupos experimentais pode significar que a SI para estímulos verbais ou visuais é mediada por diferentes variáveis, sendo por isso necessário elaborar um estudo mais aprofundado sobre quais as variáveis envolvidas quando a SI é avaliada através de material visual.

Ao revermos os nossos procedimentos e resultados, não podemos deixar de observar outras limitações que poderão ser tidas em consideração

em estudos futuros.

Em primeiro lugar, apontamos a qualidade e duração do vídeo apresentado aos participantes. É um vídeo muito curto, a ação é muito rápida e as condições de visualização não são as melhores. Como sugestão para estudos futuros indicamos que se reproduza cenicamente a história da GSS-1 e se realize posteriormente os procedimentos adotados neste estudo. Tal irá contribuir para a generalização dos resultados, uma vez que a GSS-1 representa uma medida da SI já muito estudada, aperfeiçoada e validada. A utilização das unidades de cotação da GSS-1 permitirão que os resultados obtidos sejam comparáveis.

A influência do entrevistador também não fica bem esclarecida. Não devemos esquecer que estamos perante uma amostra adolescente com uma idade muito próxima da entrevistadora. Entende-se, deste modo, que ao estudar a SI para estímulos percebidos visualmente esta será mais uma área de interesse para futuros estudos.

Percebemos, deste modo, que caso em estudos futuros se continue a verificar a existência de diferenças ao nível da memória e da SI entre a apresentação verbal e visual do material, é importante um estudo aprofundado das variáveis que influenciam a SI para estímulos de natureza visual. Tal compreensão pode levar à generalização dos resultados uma vez que, como referido anteriormente, a maioria dos testemunhos referem-se a informação visualmente percebida.

Por fim importa ainda perceber se existirá diferença entre uma apresentação unimodal ou multimodal da informação. Talvez seja de maior utilidade e represente uma maior aproximação da realidade, se o vídeo apresentado aos sujeitos tiver informação visual e verbal. Neste âmbito, Kosslyn e Koenig (1992) sugeriram que um *input* multimodal em oposição ao *input* unimodal poderá ajudar a codificar e recordar a informação.

VI - Conclusões

O estudo da credibilidade do testemunho e dos fatores que o influenciam é, na área forense, um assunto de extrema relevância. De facto, sabemos que o testemunho pode bastar para condenar uma pessoa e, muitas vezes, condenações erróneas ocorrem, levando inocentes a serem presos e culpados a serem libertados. Os instrumentos utilizados no âmbito da

Uma nova escala de sugestionabilidade interrogativa análoga à GSS-1: estudo exploratório com uma amostra de jovens portugueses

Ana Raquel Póvoa Correia (e-mail:correiaapsi@gmail.com) 2012

avaliação da sugestionabilidade do testemunho, baseiam-se, na sua maioria, na apresentação de informação verbal aos sujeitos e posterior introdução de informação sugestiva.

Ora, como sabemos, a maioria dos testemunhos baseia-se em informação visualmente percebida, ou então informação multimodal, ou seja, verbal e visual. Poucos são os casos em que a pessoa testemunha sobre algo que ouviu. Importa, deste modo, estudar quais as implicações da avaliação da SI através de procedimentos que utilizem estímulos visuais e, assim, dar início ao desenvolvimento de testes com material visual para a avaliação da SI.

Foi este o principal objetivo deste estudo, de carácter exploratório. Pretendeu-se que este estudo represente um ponto de partida para o estudo de tais diferenças e posterior desenvolvimento de um instrumento de avaliação da SI que inclua material visual. Este poderá representar um instrumento mais válido e fiável para a posterior generalização dos resultados observados na avaliação da SI. Este estudo procurou também avaliar se existiria alguma correlação entre as medidas de SI e outras variáveis como a *Inteligência não-verbal*, a *Atenção seletiva*, a *Desejabilidade social* e variáveis de personalidade como a *Extroversão*, o *Neuroticismo* e a *Amabilidade*.

Deste modo, o principal resultado do nosso estudo diz respeito à observação de diferenças tanto ao nível da SI como da memória entre a apresentação verbal da informação (grupo de controlo) e a apresentação visual dessa mesma informação (grupo experimental). De facto, estas diferenças tiveram uma elevada magnitude e verificou-se que a SI era maior no grupo experimental e a memória era, por seu turno, menor. Estes resultados vêm reforçar a convicção de que medir a SI através de um procedimento que utiliza um estímulo verbal pode representar algumas limitações na posterior generalização para os acontecimentos de testemunho da vida real. Deste modo, torna-se fundamental que mais estudos sejam realizados neste âmbito, com populações variadas e com amostras maiores, de modo a verificar se estas diferenças se mantêm.

No que diz respeito às correlações - diferindo os grupos em todas as medidas de SI procedeu-se ao cálculo separadamente - não foram encontradas correlações semelhantes em nenhum dos grupos. Quando foi

administrada a versão verbal, procedimento semelhante ao da GSS-1, as medidas de SI surgiram correlacionadas com o *Neuroticismo* (exceto a medida *Mudança*), a *Amabilidade* (apenas as medidas *Cedência 1* e *Sugestionabilidade Total*) e a *Desejabilidade Social* (exceto a medida *Cedência 1*). Contudo, nas duas últimas variáveis foram encontradas correlações de sinal oposto ao referido na bibliografia. Ou seja, quando seriam esperadas correlações positivas, verificou-se a existência de correlações negativas. Tal facto poderá estar relacionado com a dimensão da amostra ou com limitações do instrumento utilizado para medir a SI. Relativamente ao grupo experimental (condição visual) as medidas de SI surgiram correlacionadas apenas com a *Extroversão*, excetuando a medida *Cedência 2*.

Esta diferença nas correlações encontradas pode indicar que, assim como as medidas de SI diferem consoante a modalidade de apresentação do material, também diferentes variáveis influenciam a SI para estímulos percebidos verbalmente ou visualmente. Deste modo, os estudos futuros, para além de se focarem nas diferenças entre a SI para materiais visuais e verbais, devem igualmente procurar perceber quais os fatores que influenciam a SI dos sujeitos quando lhes é apresentado um estímulo visual ou um estímulo multimodal.

De resto não foram encontradas correlações entre a SI e a *Inteligência não-verbal*, medida pelas MPER e a *Atenção seletiva*, medida pelo teste Barragem três sinais. Esta ausência de correlação pode justificar-se, em primeiro lugar pelos resultados obtidos nas MPER, que foram muito superiores à média e, no que concerne a atenção, uma vez que esta é uma área pouco explorada, a inexistência de correlações neste estudo pode dever-se ao instrumento utilizado para avaliar este constructo.

A partir deste estudo exploratório compreende-se que esta é uma área que carece ainda de muitos desenvolvimentos. Existem por isso muitas questões ainda por responder. Seria importante que se continuasse a explorar esta área de modo a melhorar tanto as técnicas de interrogatório como a qualidade dos testemunhos prestados em tribunal e assim contribuir para uma melhor aplicação da justiça.

Bibliografia

- Aizpurua, A., Garcia-Bajos, E., & Migueles, M. (2009). Memory for actions of an event: Older and younger adults compared. *The Journal of General Psychology, 136* (4), 428-441.
- Alberto, I. (2003). Atenção, por favor (!) à avaliação da atenção!. *Psychologica, 34*, 231-243.
- Amaral, J. R. (1967). *O Teste de Barragem de Toulouse e Piéron na medição e diagnóstico da atenção: Elementos de aferição para a população portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Baxter, J.S., & Bain, S.A. (2002). Faking interrogative suggestibility: The truth machine. *Legal and Criminological Psychology, 7*, 219-225.
- Braun, K., & Loftus, E. (1998). Advertising misinformation effect. *Applied Cognitive Psychology, 12*, 569-591.
- Calicchia, J., & Santostefano, S. (2004). The assessment of interrogative suggestibility in adolescents: Modalities, gender and cognitive control. *North American Journal of Psychology, 6* (1), 1-12.
- Cardone, D., & Dent, H. (1996). Memory and interrogative suggestibility: The effects of modality of information presentation and retrieval conditions upon the suggestibility scores of people with learning disabilities. *Legal and Criminological Psychology, 1*, 165-177.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Costa, A., & Pinho, M. (2010). Sugestionabilidade interrogativa em crianças de 8 e 9 anos de idade. *Análise Psicológica, XXVIII*, 193-208.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory and NEO-Five-Factor Inventory: Professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology, 24* (4), 349-354.
- Cunha, A.I.Q. (2010). *A sugestionabilidade interrogativa em crianças: O papel da idade e das competências cognitivas* (Tese de Doutoramento). Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/11187>.
- Drake, K. (2010a). Interrogative suggestibility: Life adversity, neuroticism, and compliance. *Personality and Individual Differences, 48*(4), 493-

498.

- Drake, K. (2010b). The psychology of interrogative suggestibility: A vulnerability during interview. *Personality and Individual Differences, 49*, 683-688.
- Drake, K., Bull, R., & Boon, J. (2008). Interrogative suggestibility, self-esteem, and the influence of negative life-events. *Legal and Criminological Psychology, 13*, 299-307.
- Gibbons, F., & McCoy, S. (1991). *Human suggestibility: Advances in theory, research, and application*. New York: Routledge.
- Gignac, G.E., & Powell, M.B. (2009). A psychometric evaluation of the Gudjonsson Suggestibility Scales: Problems associated with measuring suggestibility as a difference score composite. *Personality and Individual Differences, 46*, 88-93.
- Gouveia, V., Guerra, V., Sousa, D., Santos, W., & Costa, J. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: Evidências da sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica, 8 (1)*, 87-98.
- Gudjonsson, G. H. (1997). *The Gudjonsson Suggestibility Scales Manual*. Hove: Psychology Press
- Gudjonsson, G. H. (2003). *The psychology of interrogations and confessions: A handbook*. West Sussex, UK: Wiley.
- Gudjonsson, G. H., & Clark, N. (1986). Suggestibility in police interrogation: a social psychological model. *Social Behaviour, 1*, 83-104.
- Gudjonsson, G. H., & Young, S. (2011). Personality and deception. Are suggestibility, compliance and acquiescence related to social desirable responding?. *Personality and Individual Differences, 50*, 192-195.
- Hansen, I., Smeets, T., & Jelicic, M. (2010). Further data on interrogative suggestibility and compliance scores following instructed malingering. *Legal and Criminological Psychology, 15*, 221-228.
- Hertel, P., Cosden, M., & Johnson, P. (1980). Passage recall: Schema change and cognitive flexibility. *Journal of Educational Psychology, 72*, 133-140.
- Howard, R., & Chaiwitornwanich, A. (2006). The relationship of interrogative suggestibility to memory and attention: An

- electrophysiological study. *Federation of European Psychophysiology Societies*. Singapore: National University of Singapore.
- Inocence Project (n.d.). Retirado a 25 de Agosto de 2012 de <http://www.innocenceproject.org/causes>.
- Kosslyn, S. M. & Koenig, O. (1992). *Wet Mind: The New Cognitive Neuroscience*. New York: Free Press
- Lane, S., Mather, M., Villa, D., & Morita, S. (2001). How events are reviewed matters: Effects of varied focus on eyewitness suggestibility. *Memory and Cognition*, 29(7), 940-947.
- Liebman, J., McKinley-Pace, M., Leonard, A., Sheesley, L., Gallant, C., Renkey, M., & Lehman, E. (2002). Cognitive and psychosocial correlates of adults' eyewitness accuracy and suggestibility. *Personality and Individual Differences*, 33, 49-66.
- Lima, M., & Simões, A. (2000). *NEO-PI-R manual profissional*. Lisboa: CEGOC.
- Loftus, E., Miller, D., & Burns, H. (1978). Semantic integration of verbal information into a visual memory. *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory*, 4, 19-31.
- McGroarty, A., & Baxter, J.S. (2007). Interrogative pressure in simulated forensic interviews: The effects of negative feedback. *British Journal of Psychology*, 98, 455-465.
- Motzkau, J. (2009). Exploring the transdisciplinary trajectory of suggestibility. *Subjectivity*, 27, 172-194.
- Nurmoja, M. (2005). *Interrogative suggestibility, trait-related and morphofeatural characteristics of human phenotype*. (Tese de Mestrado) Departamento de Psicologia da Universidade de Tartu.
- Pessoa, A. (1931). *A prova testemunhal: Estudo da Psicologia Judiciária* (3ª Ed.). Imprensa da Universidade: Coimbra.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2005). *Análise de dados para Ciências Sociais* (4ª Ed.). Edições Sílabo: Lisboa.
- Pezdek, K., & Greene, J. (1993). Testing eyewitness memory: Developing a measure that is more resistant to suggestibility. *Law and Human Behavior*, 17, 361-369.
- Polczyk, R. (2005). Interrogative suggestibility: Cross-cultural stability of psychometric and correlational properties of the Gudjonsson

- Suggestibility Scales. *Personality and Individual Differences*, 38, 177-186.
- Pollard, R., Trowbridge, B., Slade, P.D., Streissguth, A.P., Laktonen, A., & Townes, B.D. (2004). Interrogative suggestibility in a US context: Some preliminary data on normal subjects. *Personality and Individual Differences*, 37 (5), 1101-1108.
- Raven, J.C., Court, J.H., & Raven, J. (1996). *Secção 3- Matrizes Progressivas Standard*. Lisboa: Infoteste.
- Scullin, M., & Ceci, S. (2001). A suggestibility scale for children. *Personality and Individual Differences*, 30, 843-856.
- Scullin, M., & Hembrooke, H. (1998). *Development and refinement of a suggestibility scale for children*. Paper presented at the Biennial Conference of the American Psychology-Law Society, Redondo Beach, CA.
- Wolfradt, U., & Meyer, T. (1998). Interrogative suggestibility, anxiety and dissociation among anxious patients and normal controls. *Personality and Individual Differences*, 25 (3), 425-432.
- Woolnough, P. S., & MacLeod, M. D. (2001). Watching the birdie watching you: Eyewitness memory for actions using CCTV recording of actual crimes. *Applied Cognitive Psychology*, 15, 395-411.
- Yarmey, A. (2006). Depoimentos de testemunhas oculares e auriculares. In A. Fonseca, M. Simões, C. Taborda-Simões, & M. S. Pinho (Eds.), *Psicologia forense* (pp. 227-258). Coimbra: Almedina.
- Yassine, I. (2011). *A auto-percepção do envelhecimento e os traços de personalidade em idosos*. (Tese de Mestrado Integrado) Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Anexos

Anexo I – Narrativa dividida em unidades de cotação

Um casal de idosos, / de raça branca, / entra, / vagorosamente, / num prédio, / empurrando a porta /de vidro/. O homem, /que vinha à frente/, traz um cão/ de pequeno porte/ pela trela/. Apresenta calvície/ no topo cabeça/ e veste uma camisola/ de manga curta/ de cor preta/ e calças de cor bege, /género desportivo/. A senhora/ tem cabelo curto e liso/, e veste um casaco/ branco/, calças bege-cinza/e sapatos brancos/. Traz uma peça de vestuário/ azul escura, /dobrada/ sobre o braço direito/ e uma carteira/ preta/ ao ombro, /do mesmo lado/. No interior do prédio/ estão já dois rapazes/ jovens/, magros/, ambos de raça negra/. Um dos jovens encontra-se curvado/, junto à escada/, com a cabeça inclinada/ para baixo/ e de costas para o casal/. Vestia um blusão branco/ e largo/, com o capuz/ solto/, e calças escuras/. O outro aparece repentinamente/ do lado oposto àquele por onde passava o casal/. Estava vestido de escuro/ e trazia um boné na cabeça, / também negro/.

O rapaz de blusão branco levanta-se repentinamente/ e dirige-se para a entrada do prédio/, empurrando a porta/. Quase em simultâneo, o outro rapaz empurra a senhora/ contra a parede/ e a seguir contra a protecção da escada, / do lado oposto/. Tenta arrancar a carteira da senhora/, fazendo com que ela seja puxada/ até à entrada do prédio/, mas ela continua a segurar a carteira/. O rapaz de blusão branco reentra no prédio/, deixando a porta aberta/, e rouba a carteira à vítima/, que caí de joelhos sobre o tapete/ junto da entrada/. O homem, /já sem a companhia do cão/, tenta intervir /quando a senhora está a ser empurrada/ e enquanto esta procura erguer-se/ e apanhar a peça de roupa/, ele sai do prédio/ a correr/ atrás dos assaltantes/.

Anexo II – Perguntas

Registo						
	Questões	Cedência1	Respostas Cedência1	Cedência2	Respostas Cedência 2	Mudança
1	<i>O casal entrou no prédio?</i>					
2	Os assaltantes perseguiram o casal até ao prédio?					
3	O homem atacou um dos assaltantes com o punho?					
4	Os assaltantes estavam armados com facas ou encapuzados?					
5	<i>O homem trazia um cão pela trela?</i>					
6	Um dos assaltantes trazia umas luvas calçadas					
7	Um dos assaltantes tinha barba comprida?					
8	O cão mordeu um dos assaltantes?					
9	<i>A senhora tinha cabelo liso?</i>					
10	A senhora entregou-lhes os cartões de crédito ou o ouro?					
11	Um dos assaltantes deixou cair a carteira roubada?					
12	Os assaltantes agrediram o homem ou o cão?					
13	<i>Um dos assaltantes vestia um blusão branco?</i>					
14	A senhora atirou um sapato aos assaltantes?					
15	O homem saiu do prédio a correr com o					

	cão sem trela?					
16	Um dos assaltantes desequilibrou-se durante a fuga?					
17	<i>A senhora foi empurrada enquanto lhe tentavam roubar a carteira?</i>					
18	Os assaltantes fugiram num carro ou num jipe?					
19	A senhora ficou sem os óculos ou com um olho negro?					
20	O homem foi socorrer a senhora quando esta caiu?					

Anexo III

Quadro 7 - Matriz de correlações entre as variáveis no grupo de controlo

		Inteligência	Atenção Seletiva	Desejabilidade Social	Neuroticismo	Extroversão	Amabilidade
Evocação Imediata	<i>r</i>	.099	.102	.057	-.046	-.045	-.062
	<i>s</i>	.545	.533	.725	.777	.785	.702
Evocação Diferida	<i>r</i>	.013	.099	-.056	.043	.048	-.131
	<i>s</i>	.468	.271	.365	.396	.384	.210
Confabulação	<i>r</i>	.328	-.037	.118	-.184	.079	.222
	<i>s</i>	.039	.820	.467	.256	.626	.168
Cedência 1	<i>r</i>	.207	.044	-.242	.330	-.237	-.318
	<i>s</i>	.101	.393	.066	.019	.070	.023
Cedência 2	<i>r</i>	.180	-.106	-.295	.266	-.011	-.197
	<i>s</i>	.133	.258	.032	.048	.471	.111
Mudança	<i>r</i>	.145	-.055	-.328	.185	.003	-.275
	<i>s</i>	.372	.734	.039	.254	.985	.086
Sugestionabilidade	<i>r</i>	.213	-.015	-.340	.288	-.091	-.308
Total	<i>s</i>	.094	.464	.016	.036	.288	.027

Anexo IV

Quadro 8 - Matriz de correlações entre as variáveis no grupo experimental

		Inteligência	Atenção Seletiva	Desejabilidade Social	Neuroticismo	Extroversão	Amabilidade
Evocação Imediata	<i>r</i>	.272	-.033	.076	-.173	.358	-.032
	<i>s</i>	.045	.421	.321	.143	.012	.422
Evocação Diferida	<i>r</i>	.306	-.038	.074	-.117	.467	.072
	<i>s</i>	.028	.409	.324	.236	.001	.330
Confabulação	<i>r</i>	.138	.111	.148	.042	-.109	.140
	<i>s</i>	.198	.248	.181	.399	.251	.195
Cedência 1	<i>r</i>	-.252	-.069	-.029	.140	-.446	.066
	<i>s</i>	.117	.674	.857	.389	.004	.712
Cedência 2	<i>r</i>	-.142	-.135	.094	-.039	-.291	-.052
	<i>s</i>	.382	.407	.564	.809	.069	.749
Mudança	<i>r</i>	-.176	-.144	.058	.123	-.386	.092
	<i>s</i>	.277	.376	.724	.449	.014	.571
Sugestionabilidade	<i>r</i>	-.243	-.032	-.021	.160	-.457	.061
Total	<i>s</i>	.066	.423	.448	.161	.002	.354